

**“O APP SÓ FILTRA AS PESSOAS QUE GOSTAM DESSA
CARACTERÍSTICA”: (DES)ESTABILIZAÇÕES DA
CISHETERONORMATIVIDADE EM UM SITE DE ENCONTROS PARA
PESSOAS COM PÊNIS PEQUENO**

Eixo Temático 13 – Estudos Críticos das Heterossexualidades

Dra. Elizabeth Sara Lewis ¹

RESUMO

O presente trabalho mobiliza o campo da Linguística *Queer* para estudar de forma interseccional a estigmatização do pênis pequeno e como afeta masculinidades, heterossexualidades, ideias sobre relações sexuais e estereótipos racializados. Os dados foram gerados durante uma etnografia virtual, iniciada em agosto 2020, no DinkyOne, um site de encontros para pessoas com pênis pequeno. A análise dos textos do site e das entrevistas mostra que (1) xs usuárixs tendem a problematizar a valorização de certos tipos de corpo masculino, mas reiterar estereótipos racializados; (2) apesar do foco do site ser a possibilidade de relações com pessoas com pênis pequeno, os encontros entre usuárixs não são necessariamente livres de discursos estigmatizantes sobre o tamanho do membro.

Palavras-chave: Masculinidades e heterossexualidades; Sites de encontros; Estereótipos de gênero, sexualidade e raça; Pênis pequeno.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho apresenta algumas reflexões sobre uma etnografia virtual, iniciada em agosto de 2020, na plataforma DinkyOne, um site de encontros cujo lema é

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, Professora Adjunta de Linguística no Departamento de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – RJ, elizabeth.lewis@unirio.br

“conectando quem tem pênis pequeno a quem os prefere”². A pesquisa mobiliza o campo da Linguística *Queer* (BORBA, 2015; LEWIS, 2018) de forma interseccional para estudar o tema da estigmatização do pênis pequeno e como isso afeta masculinidades e ideias sobre desejos, relações sexuais e estereótipos raciais.

Discursos cisheteronormativos (VERGUEIRO, 2017) reproduzem a ideia que somente homens têm pênis e privilegiam a masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Também reproduzem a valorização ideológica do pênis grande, que é visto como uma sinalização direta de virilidade e capacidade sexual (VIGARELLO, 2013). Indivíduos com pênis pequeno, portanto, são vistos como “menos homens”, “menos viris” e “menos capazes” de dar prazer, o que pode resultar em problemas de autoestima, ódio ao corpo etc. Ao mesmo tempo, a ideia que um pênis grande sempre resultará em mais prazer para xs parceirxs coloca ênfase demais na penetração, ignorando outras formas de dar e sentir prazer (FURLANI, 2009; BUTLER, 2012; PRECIADO, 2014). Como observa Preciado (2014, p. 23), precisamos pensar “uma sexualização do corpo em sua totalidade” em vez de focar só nos órgãos reprodutivos.

Adicionalmente, existe uma relação interseccional entre a (des)valorização de certos tamanhos de pênis e a existência de certos estereótipos racializados. Os homens negros frequentemente são hipersexualizados (e.g. a ideia de que todo homem negro teria um membro avantajado), enquanto os homens asiáticos geralmente são hipossexualizados (e.g. a ideia de que todo homem asiático teria um pênis pequeno) (MELO; MOITA LOPES, 2014; KURASHIGE, 2015; BONFANTE, 2016; KIMMEL, 2017). Embora possa parecer que tais discursos fossem resultar na valorização do homem negro, já que o pênis grande seria enaltecido na sociedade cisheteronormativa, frequentemente fazem o contrário – acabam por animalizá-lo, resultando no reforço de discursos racistas. Para explicar esta contradição, podemos olhar para Kimmel (2017), que afirma que a hipersexualização do homem negro e a hipossexualização do homem asiático trabalham de maneira conjunta para simultaneamente normalizar e enaltecer os

² Insere-se no projeto de pesquisa “Performatividade, desejos e práticas sexuais: (re)produção e desestabilização de cisheteronormatividades”. O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO, em parecer substanciado nº 4.348.591.

homens brancos – seriam eles que têm a sexualidade nas medidas ‘certas’, supostamente sem excessos nem carências, seja no que diz respeito à libido, seja ao tamanho do pênis.

Embora pesquisas sobre sites e aplicativos de encontros tenham proliferado nos últimos anos, e algumas (KURASHIGE, 2015; NOGUEIRA, 2015; BONFANTE, 2016) tenham observado a valorização do pênis grande, nenhuma dessas pesquisas menciona uma procura por parceirxs com pênis pequeno. O objetivo da presente pesquisa, portanto, é de preencher essa lacuna ao estudar os discursos na plataforma DinkyOne, focando em como os textos da plataforma e os discursos dxs usuárixs desestabilizam ou reproduzem estereótipos generificados e racializados sobre o tamanho do pênis e sobre masculinidades em geral. Assim, pretendemos contribuir para uma maior compreensão sobre como desestabilizar o ideal da masculinidade hegemônica (branca e heterossexual) em nossa sociedade cisheteronormativa.

METODOLOGIA

A pesquisa está sendo realizada na forma de uma etnografia virtual (HINE, 2005), no site DinkyOne (<https://dinkyone.niche.dating/>). A primeira etapa etnográfica consistiu em o que Miskolci (2017) chama de um *reconhecimento estrutural* do site: o trabalho de observar a plataforma, fazer levantamento dos perfis públicos etc. Nos limitamos a olhar para os perfis das pessoas geolocalizadas no Brasil, embora a plataforma tenha usuárixs em muitos países. A segunda etapa etnográfica, ainda em andamento, consiste em interagir com xs usuárixs e realizar entrevistas semi-estruturadas com elxs via o *chat* que o site disponibiliza. Primeiro enviamos mensagens explicando a pesquisa e perguntando se xs usuárixs tinham dúvidas, para depois oferecermos esclarecimentos. Caso xs internautas optassem por participar, enviamos uma mensagem padrão garantindo o anonimato da pessoa, pedindo permissão para usar os dados, e lembrando que ela podia mudar de opinião e desistir em qualquer momento da pesquisa. Para xs usuárixs que nos deram permissão, isso foi registrado através de captura de tela, e depois prosseguimos com a realização da entrevista. Até este momento, realizamos duas entrevistas, uma com um homem branco heterossexual e uma com um homem asiático heterossexual.

Nossas reflexões sobre a etnografia virtual no site DinkyOne giram em torno de dois eixos: 1) as performances identitárias nos perfis dxs usuárixs e sua relação com cisheteronormatividades racializadas; 2) o potencial transgressivo e contrassexual (PRECIADO, 2014) do site. No que diz respeito ao primeiro eixo, é importante salientar que o processo de criação de perfil é extremamente limitado: xs usuárixs são obrigadxs a marcar opções pré-estabelecidas; não há *nenhum* campo aberto para inserir informações personalizadas. Não há nenhum campo para indicar a identificação étnico-racial. Se, por um lado, isso pode contribuir para evitar reforçar certos estereótipos raciais sobre o tamanho do pênis, também perde uma oportunidade para desmentir tais estereótipos. Nas entrevistas, quando perguntados se havia uma relação entre raça e tamanho do pênis, os entrevistados tendiam a reiterar a hipersexualização do homem negro e a hipossexualização do homem asiático, às vezes usando discursos científicos para legitimar suas posições (e.g. que as diferenças entre as médias de tamanho por raça teriam sido comprovadas estatisticamente).

Apesar da falta geral de opções para se descrever, é interessante notar que o site disponibiliza 22 categorias de gênero e 9 de sexualidade. A grande maioria (aproximadamente 70%) das pessoas geolocalizadas no Brasil se identifica como homem cisgênero heterossexual, e o restante como mulher cisgênera heterossexual ou bissexual, criando uma certa ‘demanda’ muito grande sob as mulheres. Também é importante observar que, apesar da grande variedade de opções, o motor de busca do site não permite procurar individualmente todas as categorias de gênero que aparecem na lista, somente “homem”, “mulher” ou “trans”. Assim, pessoas “fluidas” ou “andrôgenas” são categorizadas como “trans” pelo motor de busca, apesar de não necessariamente se identificarem assim. Apesar desse problema, uma quebra interessante da cisheteronormatividade é a inclusão da categoria identitária “lésbica” num site para pessoas interessadas em relacionamentos com indivíduos de pênis pequeno, já que no senso comum cisheteronormativo, uma lésbica não se interessaria por pessoas com pênis. Isso abre a possibilidade de pensar a sexualidade de outras maneiras: que uma mulher pode se identificar com lésbica e ainda se interessar por homens cisgêneros com pênis, ou se interessar por mulheres “de peito e pau” etc.

O que mais nos chama a atenção sobre as performances identitárias nos perfis é o seguinte: apesar de a descrição do site afirmar que a plataforma procura combater o estigma contra o pênis pequeno e fomentar uma imagem corporal positiva, a grande maioria (83%) dos usuários no Brasil que se declaram homens não usa foto de perfil (nem uma foto do corpo sem mostrar o rosto). Isso chama a atenção, já que outras etnografias online em sites e aplicativos de encontros têm mostrado uma grande diversidade de estratégias para aparecer sem revelar a identidade, e.g. mostrando somente parte do corpo ou cobrindo o rosto com o celular etc. (BONFANTE, 2016). Isso levantou a hipótese que os homens talvez tenham medo de serem reconhecidos e ridicularizados, devido à força do estigma de ter pênis pequeno. As entrevistas confirmaram esse fato – todos os entrevistados optaram por não usar foto de perfil, e comentaram que era para evitar ser reconhecidos por terceiros que pudessem ridicularizá-los.

No que diz respeito ao segundo eixo, o potencial transgressivo e contrassexual do site, o site DinkyOne apresenta alguns textos que podem facilitar a desestabilização de ideologias cisheteronormativas ao mesmo tempo que apresenta outros que levam à sua reprodução. Por exemplo, o site vacila nas suas descrições generificadas. Às vezes usa uma linguagem ‘neutra’ que evita menções a gênero, ou seja, não fala em “*homens* com pênis pequeno”, mas em “*pessoas* com pênis pequeno”, assim abrindo espaço para “mulheres de peito e pau”, por exemplo. Porém, às vezes reforça cisheteronormatividades, falando em “homens com pênis pequeno” ou “homens com micropênis”, esquecendo que não toda pessoa com pênis é homem e que não todo homem tem pênis. Um vacilo parecido acontece com descrições de casais potenciais, que às vezes são descritos usando termos não generificados como “partner” (parceirx), mas às vezes falam em *mulheres* que preferem *homens* com pênis pequeno, assim reforçando novamente a cisheteronormatividade (por esquecer que não toda mulher que usa o site está procurando um homem, e vice-versa).

Nas descrições das eventuais preferências das mulheres, porém, há um breve texto interessante, que começa com a pergunta “Quem gosta de um pênis menor?” e depois responde à indagação dizendo: “Do mesmo jeito que existem homens que têm um pau menor que a média, existem mulheres que são menores que a média. Podem

frequentemente sentir dor durante as relações sexuais. Existem também mulheres que têm fetiche de homens pequenos, frequentemente elas desempenham um papel dominante”. Apesar do texto em certo momento reforçar as ideias cisheteronormativas que somente *homens* têm pênis e que quem vai procurar homens com pênis pequeno são *mulheres*, há algumas desestabilizações. Primeiro, o site reconhece uma das práticas BDSM de humilhação – pessoas que gostam de dominar e humilhar indivíduos com pênis pequeno, e indivíduos com pênis pequeno que sentem prazer ao serem dominados e humilhados. Assim, dá visibilidade a essa prática que, embora possa ser realizada por pessoas heterossexuais, fica fora do domínio cisheteronormativo. A prática de humilhação, embora de certa maneira reforça os estereótipos sobre o pênis pequeno e a masculinidade, também brinca com e ressignifica esses estereótipos, transformando o estigma em uma fonte de desejo e prazer.

Segundo, o texto subverte o mito que um pênis grande sempre resultará em mais prazer para xs parceirxs ao reconhecer a possibilidade de pessoas que preferem um pênis menor para não sentir dor durante as relações sexuais. Os entrevistados heterossexuais também problematizaram essa questão, pois quando perguntados se havia uma relação entre o tamanho do pênis e o prazer da parceira, eles questionaram a valorização do pênis grande na sociedade e insistiram na importância do sexo oral e do uso das mãos, descentralizando a importância da penetração com o pênis, e de ter uma boa técnica nas relações sexuais envolvendo penetração, desestabilizando a ideia do prazer pelo tamanho em vez de pela forma de penetrar. Porém, os entrevistados heterossexuais também mostraram que, apesar de o site ser voltado para pessoas com pênis pequeno ou interessadas em ter relações com pessoas com esta característica, os encontros presenciais com mulheres que conheceram via o site não necessariamente eram livres de preconceito. Alguns contaram narrativas sobre serem ridicularizados por mulheres que, apesar de já saberem de antemão sobre o tamanho do pênis do parceiro, reagiram com risadas e deboche no momento de receber fotos dos homens nus ou iniciar as relações sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumidamente, apesar da proposta transgressiva de combater o estigma do pênis pequeno, os textos e o desenho do site vacilam na sua subversividade (uso inconsistente do gênero ‘neutro’, motor de busca que categoriza como trans qualquer pessoa que não seja homem ou mulher cis). Isso levanta uma questão: até que ponto o site realmente é comprometido ideologicamente com o combate ao estigma do pênis pequeno e com a inclusividade, ou até que ponto isso é feito para ocupar um nicho de mercado e vender serviços.

Há subversões nos discursos que problematizam a valorização ideológica do pênis grande, em particular no texto no site que desmente a ideia que um pênis grande sempre traz mais prazer nas relações sexuais e nas entrevistas onde os usuárixs descentralizam a importância da penetração. Ao mesmo tempo, o fato de a grande maioria dos usuários homens não usarem foto de perfil mostra que xs usuárixs ainda tenham receio de se expor, apesar da proposta transgressiva do site. As entrevistas também mostraram que o fato de ser um site para pessoas com pênis pequeno não garante que xs usuárixs não passarão por preconceitos e deboche durante seus encontros. Por fim, apesar dos entrevistados terem desconstruído diversos discursos cisheteronormativos sobre a valorização do pênis grande, tendem a reforçar estereótipos racializados.

REFERÊNCIAS

- BONFANTE, G.M. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação**: performances íntimo-espetaculares de si. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- BORBA, R. Linguística *queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v.9, n.1, p.91-107, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v.21, n.1, p.241-282, 2013.
- FURLANI, J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: Subsídios ao trabalho em Educação Sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HINE, C. (org) **Virtual Methods**: Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- KIMMEL, M. **Angry White Men**: American Masculinity at the End of an Era. Nova Iorque: Bold Type Books, 2017.
- KURASHIGE, K.D. O desejo pela branquitude e o fantasma das diferenças raciais.

LEWIS, E.S. Do “léxico gay” à Linguística *Queer*: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer*. **Revista Estudos Linguísticos**, v.47, n.3, p.675-690, 2018.

MELO, G.; MOITA LOPES, L.P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso**, v.14, n.3, p.653-673, set/dez 2014.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NOGUEIRA, G. **Caças e Pegações Online**: Subversões e reiterações de Gêneros e Sexualidades. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

PRECIADO, P.B. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

VERGUEIRO, V. Um breve glossário transfeminista. In: MACEDO, E.; RANNIERY, T. (orgs). **Currículo, sexualidade e ação docente**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2017, p.201-212.

VIGARELLO, G. (org). **História da Virilidade, vol. 1**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.